

Ano XXXVIII - N.º 3

Revista Mensal

2,50 €

Março 2022

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



A MULHER

HARMONIA E POESIA DO MUNDO

Sumário



Março 2022 | Nº 3 | Ano XXXVIII

EDITORIAL

- 3 Ventos de guerra**
Frei Severino

HOMEM E SOCIEDADE

- 4 Profetas do nosso tempo**
Rostos femininos
que deixam marca
Fabrizio Bordin
- 6 Mundivivências**
A realidade é pessoal
Miguel Panão
- 8 Pés na Terra**
Ser pontífice
Inês Espada Vieira
- 10 Memória e tradição**
O Milagre do Riso
Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

- 11 Caminhada sinodal - 2**
Sonho uma Igreja Sinodal
Jornadas Diocesanas
de Formação Permanente
Secundino Correia (coordenação)
- 12 João Lourenço**
- 19 Nuno Santos**
- 21 D. Armando Esteves Domingues**
- 21 Papel da mulher nos processos
de reflexão e decisão em Igreja**
Sílvia Monteiro

IGREJA A CAMINHO

- 26 Ponto e contraponto**
Querida Amazônia
Idalino Simões
- 28 Traços de uma Presença**
A dança das cores
Juan Ambrosio
- 30 Além do sofá**
Quero ser como Tu!
Nuno Sobral Calado
- 32 Artes e Letras**
Livros:
O mundo e a Igreja:
que futuro?
A Arte de Recomeçar
Rui Vasconcelos
- Cinema:**
O Professor Bachmann
e a sua turma
Pe. Manuel Monteiro Mendes

PÁGINAS ANTONIANAS

- 34 Santo António
mestre da palavra**
No cubículo do Pai
e da consciência
Frei Valentim Strappazzon

CONTRACAPA

- 36 Mulheres Doutoras da Igreja
e Padroeiras da Europa
em diálogo com
o mundo de hoje**

Diretor

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Fabrizio Bordin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural
Mensagem de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico

assinantes@santoantonio.live

Preço da assinatura anual

Devoto / Portugal:	22 €
Amigo:	50 €
Benfeitor:	100 €
Europa:	40 €
Fora da Europa:	50 € - \$75 (CAN)

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612
Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>
Edição digital
<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:
2.600 exemplares



Capa: *A mulher harmonia e poesia do mundo*. Foto Xan, 2021.

Contracapa: Fotos Commons Wikimedia e Adobe Stock.

Editorial: *Manifestantes Ucrânicos* frente ao Consulado Russo, no Porto, 20 FEV 2022, JOSE COELHO/LUSA.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.

Ventos de guerra

Frei Severino Centomo

“Como é triste quando pessoas e povos, com orgulho de serem cristãos, veem os outros como inimigos e pensam em fazer guerra! É muito triste”.

Estas palavras, saídas do coração sincero do Papa Francisco após a recitação do Angelus no dia 20 do mês passado, manifestam o estado de ânimo de tantas pessoas de boa vontade. O apelo do Papa em favor da paz entre a Rússia e a Ucrânia, junta-se aos muitos que foram lançados. Numa outra circunstância, o Papa chegou mesmo a afirmar que “a humanidade, que se ufana dos progressos da ciência, do conhecimento e de tantas outras coisas belas, recua no que diz respeito à guerra; até parece que é campeã da guerra!”.

Diante duma situação que pode degenerar para um desastre global, podemos ficar consternados e pensar que não podemos fazer nada. Todavia, para quem acredita na misericórdia do Pai por cada um de nós, independentemente da sua raça, cultura, nacionalidade ou religião, é sempre possível confiar e dar a própria contribuição em favor da paz.

É o que nos sugerem os jovens que se preparam para a MJM 2023. Com o lema “Quero ser como Tu” (veja-se a rubrica própria da revista), a proposta é “construir pontes humanas” a fim de que as diferenças não sejam obstáculo para uma convivência fraterna, mas um valor para enriquecer a família humana.

Uma força que pode tornar-se oportunidade é a valorização do papel da mulher na sociedade e na Igreja. No mês em que se celebra o “Dia Internacional da Mulher”, a nossa revista apresenta uma reflexão de Sílvia Monteiro, que aponta para a importância de dar voz às mulheres, quer na sociedade, quer na Igreja.

Por fim, queremos recordar que entramos no Tempo santo da Quaresma – Páscoa. Um tempo favorável para “posicionar o coração, reordenar a mente e reorganizar a vida”. A Igreja, propondo o grande desejo de Deus de renovar a sua aliança connosco, pede-nos para sermos sinceros, profundos e práticos; ou seja, homens e mulheres novos para uma humanidade justa, fraterna, respeitosa e solidária.

Boa caminhada quaresmal – pascal. ■



Frei Fabrízio Bordin

Rostos femininos que deixam marca

Em cima: **Malala Yousafzai** nos 25 anos do Prémio Sakharov (Foto de Michel Christen | European Union 2013 - EP) e raparigas Paquistanesas com cartazes de Malala por ocasião da atribuição do prémio Nobel da Paz 2014 (Foto EPA/SOHAIL SHAHZAD)

Em baixo: **Greta Thunberg** liderando uma manifestação em Antuérpia, Bélgica, 28 Feb 2019, com cartaz onde se lê GREVE PELO CLIMA (Foto EPA/STEPHANIE LECOCQ) e **Rosalind Franklin** (Commons Wikimedia). Em baixo: Desenho de Rori, 2017 CC-VY-SA.

Na nossa apresentação de profetas do nosso tempo, não podia faltar o perfil de mulheres que mudaram a história desafiando a sociedade do seu próprio tempo. Ainda por cima, estamos no mês de Março que tem um dia especial dedicado à mulher.

Sem dúvida, é incalculável o número de mulheres “profetas” que marcaram a história, a ciência, a cultura, a arte e até o universo religioso do nosso tempo. Mulheres fortes que lutaram e lutam para entregar um futuro melhor ao ser humano do amanhã. Resolvi escolher três perfis, sabendo que deixo para trás muitas outras e provooco desilusão pela visão de vida que cada uma encarna. Mas, porque não ouvir e escutar também quem está fora do nosso recinto antropológico, cultural, religioso (e também ideológico)?

Vivemos numa sociedade que continua a exaltar as personagens masculinas. Conhecemos muito bem os nomes, as empresas e as virtudes de figuras históricas do passado como Júlio Cesar, Carlos Magno, Napoleão (dispensar a referência aos ídolos masculinos do nosso tempo!)... enquanto é mais fácil esquecer ou ignorar mulheres que contribuíram para o bem da humanidade.



Uma destas é **Rosalind Franklin**, um nome talvez desconhecido, mas que, de facto, foi uma mulher que mudou a história.

Nasceu em Londres, a 25 de julho de 1920, de uma família judaica.

Estudou Ciências Naturais no Newnham

College em Cambridge, onde se formou em 1941. Nos primeiros anos foi pesquisadora no âmbito da físico-química.

Rosalind Franklin tornou-se famosa no seu tempo pelo trabalho com imagens da difração de raios-X do DNA, particularmente pela foto 51, que levou à descoberta da dúplice hélice do DNA. A fotografia foi roubada sem ela saber e caiu nas mãos de James Dewey Watson que, juntamente com o seu colega Francis Crick, depois da publicação na revista *Nature*, ganhou o Nobel da Ciência graças a esta foto. Enquanto Rosalind morreu poucos anos depois, a 16 de Abril de 1958, com apenas 37 anos, por um câncer nos ovários, devido aos raios-X!

Outro âmbito de pesquisa de Rosalind Franklin foram as estruturas moleculares dos vírus. Graças a ela, outro cientista, Aaron Klug, ganhou em 1982 o Prémio Nobel de Química.



Ainda hoje existem numerosos países onde os direitos são muito diferentes entre homens e mulheres. É o caso do Paquistão, onde às mulheres é negado o direito à educação.

Malala Yousafzai tinha 11 anos quando foi baleada pelos talibans a caminho da escola por não ter baixado a cabeça aos abusos, tornando-se um exemplo de mulher que muda a história.

Em 2009, os extremistas religiosos conseguiram impor a *sharia*, a lei islâmica, e o terror entrou na sua aldeia, com as adolescentes a serem perseguidas por frequentarem o ensino. A situação começou a ser relatada por Malala num blogue da *BBC*, foi ela a única a ter coragem para o fazer porque as professoras temiam as consequências.

O sucesso do seu *Diário* chamou a atenção dos talibans que, a 9 de outubro de 2012, dispararam sobre ela, atingindo-a na cabeça. A menina foi levada para o Hospital da Rainha Isabel, em Birmingham, Reino Unido, onde esteve em coma durante vários dias. Malala sobreviveu ao ataque e ficou mais forte. A jovem paquistanesa, ouvida hoje em dia em todo o mundo, discursou nas Nações Unidas e tornou-se a pessoa mais nova a receber o prémio Nobel para a Paz, com 17 anos de idade.



É talvez uma das mulheres com mais publicidade. A revista *Time* dedicou-lhe a capa da edição de dezembro 2019, eleita como personalidade do ano. Trata-se da jovem **Greta Thunberg**, a ativista sueca que com as suas intervenções chamou à atenção do mundo inteiro para as mudanças climáticas. Com razão, foi definida a “voz das novas gerações”.

Com apenas 15 anos, Greta deu vida a um movimento global de jovens capazes de dar a cara perante o mundo dos adultos e da política que até agora falharam. Uma geração que manifesta o próprio “descontentamento” – disse o Papa Francisco – contra a destruição da nossa terra, a casa comum, de que somos responsáveis em primeira pessoa. O que iniciou no mês de agosto de 2018, nos degraus do Parlamento de Estocolmo, uma adolescente sozinha, com o capucho do casaco na cabeça e uma tira com a escrita “*greve escolar pelo clima*”, tornou-se uma queixa global em 150 países, com acerca de 6 milhões que se uniram na maior manifestação pelo clima da história da humanidade.

Haverá muita coisa para melhorar, nas incongruências juvenis, mas só uma cultura farisaica não quer ter olhos para reconhecer que algo de novo está a germinar. ■



Miguel Panão

A mecânica quântica não é uma expressão estranha que poucos conhecem. Podemos não entender muito bem a teoria e os próprios cientistas reconhecem a dificuldade em usar metáforas simples para a explicar, mas de todas as teorias abstratas esta é, talvez, a que mais tem passado em todos os testes. Porém, ela desafia a visão que temos da realidade e do mundo. E um desses desafios está na existência das próprias coisas. Enquanto não as observarmos, não existem.

Eu estava no 12º ano e soube que no Instituto Superior Técnico havia uma conferência com Denis Sciama, o cosmologista que orientou algumas das mais brilhantes mentes do nosso tempo como Stephen Hawking, Martin Rees e David Deutsch.

Quando cheguei ao IST encontrei o amigo dos escuteiros que me tinha convidado a ir e ele apresentou-me a alguns dos seus colegas. Um deles, o Carlos, a um dado momento virou-se para mim e diz — “sabias que de acordo com a mecânica quântica, neste momento, a tua casa não existe?” — sorri, não

percebi patavina, e talvez por isso não me tenha sentido um sem-abrigo, mas fiquei intrigado e jamais esquecerei a sua provocação.

Nos diálogos profícuos que crentes e não-crentes estabelecem, muito se questiona sobre a existência ou não de Deus, remetendo a resposta para algo restrito à experiência pessoal e do foro privado. Porém, a implicação profunda que uma teoria tão testada como a mecânica quântica tem para a nossa percepção da realidade é a da sua vertente personalista. A mecânica quântica introduz a subjetividade na realidade física e o impacto disso sobre a nossa mundividência é tremendo.

Em 1961, o físico Eugene Wigner propôs a seguinte experiência cognitiva: dentro de um laboratório ele tem um amigo que está a monitorizar se um espécime radioativo decai ou não. Isto é, se perde energia e emite radiação. Nesse caso, existe um detetor que emite um *flash* e o amigo fica a saber do tal decaimento. Depois, Wigner imagina-se fora do laboratório e se houver decaimento, o amigo dele vê o flash e sabe que esse aconteceu, mas para Wigner, o amigo, o espécime radioativo e todo o aparato experimental existem num enublado manancial de estados possíveis. A ideia subjacente é a de que Wigner e o seu amigo ocupam realidades muito distintas. E se o que é verdade para um não corresponde à verdade para o outro, então, em última análise, não existem factos absolutos e isso é desconcertante porque o tapete da realidade absoluta no mundo que permite fazer medições para estabelecer factos é tirado debaixo dos pés.

Tudo não passaria do fruto de uma imaginação fértil se uma equipa de investigadores da Austrália, Ilha Formosa e China não tivessem demonstrado que o paradoxo de Wigner, afinal, é real.

Um dos modos para resolver esta aparente queda num relativismo absoluto é uma nova visão da mecânica quântica chamada *QBism* (*Cubism*) que reconhece e aceita que todo o conhecimento começa com uma “experiência pessoal singular”. Cada um de nós é único e, por isso, faz uma experiência única do mundo dentro e fora de si.

Aquilo em que acreditamos está muito ligado a essa experiência e às interações com outras experiências. E a realidade maior que nos inclui nasce da colisão da imensidão de mini-realidades subjetivas associadas a cada um de nós.

Neste contexto, os nossos sonhos e testemunho pessoal do modo como vivemos cada aspeto da vida do mundo é uma gota essencial de sabedoria que sacia a sede de todo aquele que deseja abrir-se à Realidade maior que nos abraça.

Se a realidade de cada um é única e diferente da realidade de todos os outros, será que a nossa procura das realidades últimas é fútil? Será que o melhor é gozar a vida, já que as vidas não partilham da mesma realidade, em vez de procurarmos juntos o significado das coisas que vivemos? Já não podemos sonhar juntos?

A experiência cristã é a de que a vivência pessoal da realidade é profundamente relacional. A minha realidade nada é sem entrar em relação com a realidade do outro. A ciência ajuda a entender a motivação por detrás do convite de Deus a termos uma mente aberta à surpresa e novidade intrínsecas à Sua Vontade.

A Realidade maior é um sonho que vivemos juntos onde cada momento se experimenta no puro espanto que nasce do entrelaçar de histórias pessoais. É desse entrelaçar que provêm os impulsos que mudam o mundo a partir do interior de cada um de nós.

A realidade não é somente feita de objetos ou sujeitos, mas de relacionamentos entre ambos, onde a incerteza se converte em oportunidade, e onde as experiências que parecem opostas são a riqueza escondida que o amor revela. ■





Ser pontífice

Inês Espada Vieira

Clube de Ginástica Acrobática do Colégio Rainha Santa Isabel, Coimbra. Foto MSA 2019. À direita: Foto MSA 2018.

No mês passado, uma querida amiga pediu-me para fazer uma intervenção sobre *Construir pontes humanas*, no âmbito da Academia de Líderes Ubuntu, no Agrupamento de Escolas da Batalha.

Pedi um retrato dos alunos, um enquadramento acerca do espírito da sessão e seu contexto na semana de formação. Na volta do correio vieram todas as informações que tinha pedido, e ainda mais: “O tema deste dia é: ser pontífice. Esta palavra, do latim *pontifex*, significa *construtor de pontes* (*pons + facere*)”.

Nunca tinha pensado no significado desta palavra, confesso. Quando ouço ou leio a expressão “sumo pontífice”, penso mais na anedota do que no significado profundo deste título.

[Bom, a anedota é relativamente má (sim, estou a escrever sorrindo com a ironia, mas quem nunca riu com uma piada mazinha que me atire a primeira pedra): “Sabes qual é a bebida preferida do Papa?” “Não, não sei.” “É o sumo pontífice.” Retomemos o nosso texto.]

O sumo pontífice é o maior, o máximo construtor de pontes. Com ou sem hierarquias, todos podemos ser construtores dessas pontes humanas sobre as quais me pediram para falar.

Quando ouvi “pontes humanas”, confesso que o primeiro em que pensei foi naquele movimento da ginástica que, quando eu era criança, era um dos grandes desafios de fortaleza e flexibilidade entre os amigos, juntamente com a roda, a cambalhota para trás e o pino. A ponte, neste caso a da ginástica, é ela também metafórica, uma espécie de desenho corporal dos arcos das pontes romanas do nosso imaginário.

E esta é uma das ideias-chave: pensarmos nas pontes invocando a nossa imaginação. Usar a imaginação e metáforas não significa deixarmos de ser objetivos e claros.

Há uma certa beleza no modo como, na engenharia civil, se



classificam as pontes, viadutos e túneis: obras de arte. É o ser humano deslumbrado com a sua inteligência e criatividade, sabendo, porém, que não se trata apenas da excelência da técnica.

Quaisquer pontes, de engenharia civil ou metafóricas, podem ser vistas como obras de arte, uma vez que são sinal de aproximação e de união. Que são sinal de superação do vazio ou de um obstáculo, de superação da solidão e da lonjura.

Que formas podem ter as pontes humanas? Falámos de algumas “pontes” neste espaço do Mensageiro: a forma das galinhas da ACEAG no Gurué, em Moçambique (cf. novembro 2021), a forma do teto que pode abrigar um estrangeiro que procura refúgio (cf. março 2019), ou ainda a forma de uma escola possível/impossível (cf. julho e setembro de 2020).

São apenas exemplos e invocam a linguagem da imaginação tão necessária. Necessária para interpretar o mundo, mas também para o saber construir. Juntos, passo a passo, linha a linha: em cada lugar a que pertencemos ou onde estamos de passagem. Devemos soltar-nos das amarras da utilidade imediata e das exigências da tecnologia, e recentrar o nosso olhar no alto, no longe, no profundo. Onde há estrelas, ou campos, ou jardins submarinos. Lembram-se dos livros de histórias maravilhosas da infância ou lembram-se dos relatos de aventuras do avô e da avó?

Somos chamados a ser pontífices. Construtores de pontes com formas inusitadas, fazedores de novas vias por onde hão de circular objetos e ideias, alimentos e livros, por onde hão de circular pessoas.

Façamo-lo com imaginação e coragem. ■

SOBRA A CONSTRUÇÃO DE OBRAS DURADOURAS

Quanto tempo
Duram as obras? Tanto
Quanto o preciso pra ficarem prontas.
Pois enquanto dão que fazer
Não ruem.

Convidando ao esforço
Compensando a participação
A sua essência é duradoura enquanto
Convidam e compensam.

As úteis
Pedem homens
As artísticas
Têm lugar pra a arte
As sábias
Pedem sabedoria
As destinadas à perfeição
Mostram lacunas
As que duram muito
Estão sempre pra cair
As planeadas verdadeiramente em grande
Estão por acabar.

Incompletas ainda
Como o muro à espera da hera
(Esse esteve um dia inacabado
Há muito tempo, antes de vir a hera, nu!)

Insustentável ainda
Como a máquina que se usa
Embora já não chegue
Mas promete outra melhor.
Assim terá de construir-se
A obra pra durar como
A máquina cheia de defeitos.

Tradução de Paulo Quintela

Bertolt Brecht

O Milagre do riso

Santo António por Bordalo

Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa
Santo António

Já aqui falámos do génio de Bordalo Pinheiro e da utilização que fez da imagem de Santo António para a crítica política e social do seu tempo.

Mas os desenhos de Bordalo Pinheiro e dos seus mais próximos colaboradores permitem-nos também compreender a importância e a presença que o santo tem na cultura portuguesa ao longo do tempo.

O modo como ilustra as festas de Santo António ou os “castigos” que infligem ao santo para que se cumpra o pedido ou se encontre amor tão desejado, são elementos retratados que se revelam inesperadamente atuais e ilustram gestos e rituais que nos são muito familiares.

É disso exemplo o desenho de Celso Hermínio da família Procópio no regresso da praça da Figueira em Lisboa, na véspera de Santo António. As crianças traziam alegremente os apitos de barro em forma de corneta ou *rouxinóis*, que ensurdeciam os lisboetas durante o mês de junho, ou com o tradicional fogo preso, comprado com dinheiro arrecadado do “tostãozinho para o Santo António” que pediam junto dos troncos que erguiam nas soleiras das portas.

Os jovens compravam os balões para as *marche ao flambeaux*, as aporuguesadas marchas ao *fulambó*, que iluminavam as ruas dos bairros tradicionais com desfiles de rapazes e raparigas cantando até aos chafarizes para as sortes e descantes; o cravo de papel com quadra alusiva ao amor, a gaiola com o grilo e a alcachofra para queimar na fogueira e que se reverdesse significava namoro certo; os vasos com manjericos e as alfazemas, resquícios das ervas aromáticas que eram queimadas nas fogueiras das festas populares quando se saltava à fogueira; a bilha ou os moringues de barro, tão ligados a Santo António e ao milagre da bilha.

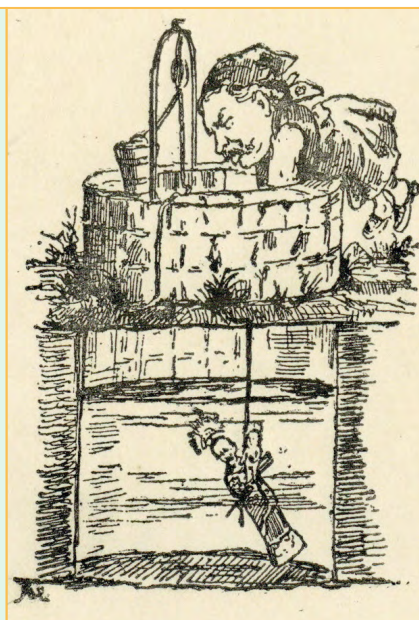
São estes alguns dos aspetos que podemos encontrar na exposição temporária *O Milagre do Riso. Santo António por Bordalo*, patente ao público, de 23 de fevereiro até 22 de maio de 2022, no Museu de Lisboa – Santo António, e que caracterizam uma forma muito portuguesa de devoção a este santo tão especial. ■



À direita: Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro no primeiro número do jornal *O António Maria*, 12 de junho de 1879, onde a queda do governo de Fontes Pereira de Melo é exposta com humor, fazendo uso das tradições populares associadas ao culto de Santo António.

Fontes Pereira de Melo, no papel de “Santo António Maria” não atendendo aos desejos e devaneios de “Luiza, a bella pastora” (rei D. Luís), é mergulhado na água do poço e aí deixado de castigo até que respondesse ao seu pedido.

Em cima: Desenho de Celso Hermínio para o jornal *A Paródia*, de 4 de junho de 1902, caricaturando a festa de Santo António na Praça da Figueira em Lisboa.



Caminhada Sinodal

Sonho uma Igreja Sinodal

Decorreram, em Coimbra, de 18 a 19 de janeiro de 2021, no formato tradicional de palestras, as Jornadas Diocesanas de Formação Permanente. Foram oradores, no dia 18, João Duarte Lourenço (franciscano OFM) e Isabel Varanda (teóloga); no dia 19, Nuno Santos (reitor do Seminário Maior de Coimbra) e D. Armando Esteves Domingues (bispo auxiliar do Porto).

D. Virgílio Antunes, bispo de Coimbra, no encerramento das Jornadas, deixou três orientações para o caminho sinodal a percorrer: continuidade, ousadia e criatividade no discernimento dos caminhos que o Espírito abre, hoje, à Igreja.

Na altura pedimos aos quatro oradores a gentileza de nos fazerem chegar um “pequeno texto-síntese” do que haviam dito nas Jornadas. A Isabel Varanda pediu excusa devido aos múltiplos afazeres em que se encontrava envolvida de momento. Aqui ficam os restantes textos com o nosso bem hajam pela disponibilidade manifestada.

Secundino Correia (coordenação)





PARÂMETROS BÍBLICOS DA SINODALIDADE

O DESAFIO A UMA NOVA FORMA DE SER IGREJA



Frei João Duarte Lourenço

No *Documento Preparatório* em que o Papa convida a Igreja a envolver-se, durante o triénio de 2021-2023, na preparação do próximo Sínodo dos Bispos que terá como tema central a ‘Sinodalidade na Igreja’, o Santo Padre deixa um grande desafio ao Povo de Deus que passa, essencialmente, por pensar a Igreja a partir da identidade bíblica que lhe serve de fundamento e que deve pautar a sua forma de estar no mundo para que ela possa reencontrar os caminhos de Deus. Esta proposta implica um envolvimento que dê novo ânimo ao Povo de Deus enquanto parte ativa nos dinamismos da história.

Neste contexto, a primeira etapa deste percurso deve ser feita a partir de uma reflexão empenhada sobre a identidade bíblica da nossa fé, as suas raízes veterotestamentárias e a novidade que Jesus introduziu na história como expressão do verdadeiro rosto de Deus para os homens: “quem Me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Por isso, em forma breve, delineamos aqui alguns dos traços marcantes daquilo que deve ser uma sinodalidade bíblica, tal como o foi para o povo de Israel ao longo da sua história e que o Papa coloca em destaque no Documento que orienta esta caminhada sinodal.

1. A SINODALIDADE ESTÁ INSCRITA NA CAMINHADA DO POVO DE DEUS

A essência da sinodalidade passa, antes de mais, pela experiência de comunhão, partilhada entre Deus que se comunica e se dá a conhecer e o Homem, o Povo eleito, que se coloca em escuta da Boa-Nova que lhe é proposta. Disso faz parte a ‘categoria do encontro’, que define toda a marcha histórica do Povo de Deus.

Efetivamente, e ao contrário das experiências religiosas da antiguidade e daquelas que eram próximas e faziam parte do contexto religioso do antigo Médio Oriente, a fé bíblica tem no seu âmago uma relação de comunhão e não de confronto, de proximidade e não de medo ou de temor.

Isso está bem expresso na itinerância que Deus faz na história com o Seu povo e no diálogo constante, como que ‘institucionalizado’, em que Ele se torna agente da própria história do homem e é nesta que se fazem sentir ‘os Seus sinais, a Sua Palavra e se presente a Sua presença nos acontecimentos’ (cf. *Dei Verbum*, nº 2).

Esta presença itinerante marca, desde o início, a revelação bíblica, bem expressa na forma como Ele se dá a conhecer a Moisés: Ex 3,14 (“Eu sou Aquele que sou”), ou seja, ‘Aquele que se faz caminhante com o Seu povo em caminho’ e, hoje, connosco na nossa comunhão em Cristo pela encarnação que tem a sua plenitude no mistério pascal do Ressuscitado.



sunsinger - stock.adobe.com

2. UMA SINODALIDADE DE ALIANÇA

A 1ª etapa da identidade sinodal do povo eleito nasce e radica na aliança, momento único na teologia bíblica. Não se trata de um processo de parceria ou de contrato, nem é uma conjugação de esforços a dois, em função de resultados profícuos para qualquer uma das partes envolvidas. Pelo contrário, a aliança é um processo de comunhão que se faz em caminhada, em que se conjugam a participação de Deus, na história do Seu povo e o envolvimento do povo no próprio projeto histórico-salvífico de Deus. É um caminho que comporta uma dinâmica que se expressa em dois momentos, em duas atitudes da parte do homem: a ‘escuta’ e a ‘procura’.

Esta marca da Aliança será, ao longo da história, aquela que dará identidade à fé bíblica, presente em todas as etapas dessa caminhada, uma aliança sempre renovada e aberta ao futuro, em que Deus não desiste, apesar da infidelidade e das recusas constantes do povo de Israel. Os ecos desta presença fazem-se sentir nos grandes momentos da história da salvação em que Deus se faz presente e reforça a confiança do Seu povo, oferecendo-lhe, de forma renovada, os dinamismos necessários à sua fidelidade.

3. A SINODALIDADE É UMA PROPOSTA PROFÉTICA

A história bíblica traz em si um dinamismo profético que marca esta dinâmica de caminhada que os profetas traduzem, de forma sublime, neste binómio: “procurai o Senhor e vivereis” (Am 5,4.6).

Também Oseias recorre a expressões que nos mostram como o Deus da aliança é um deus de proximidade, em caminhada constante com o Seu povo: “Eu ensinava Efraim a andar, trazia-o nos meus braços ... era Eu quem cuidava deles...” (Os 11,3-4). A resposta da parte do homem a esta procura e a esta disponibilidade de Deus só pode ser a da reciprocidade, traduzida na ‘escuta e na procura’, o que faz da fé bíblica uma verdadeira religião (*re-ligo*) sinodal, de diálogo e de partilha.

Para os profetas, a resposta passa sempre por uma dinâmica de caminhada, em que “o primeiro momento é o desafio à fidelidade e à mudança de coração” (Jr 31; Ez 36,25-30). A primazia da ação está sempre do lado de Deus, mas a comunhão na aliança envolve igualmente todo o povo e esta deve acontecer sempre em diálogo, em partilha ativa de escuta, conversão e discernimento.



Deste dinamismo profético sobressai, antes de mais, aquilo que poderemos chamar de ‘itinerância de Deus’.

Uma das mais belas passagens desta identidade profética está bem condensada em fórmula de oráculo na resposta dada por Deus a Nathan – o profeta vidente de David – quando este o manda consultar a Yahwé sobre a construção do Templo em Jerusalém, quando pretendia acompanhar os outros povos e as demais realidades que tinham também um palácio (um templo) para morada das suas divindades.

A resposta não podia ser mais clara e mais expressiva. Ela marcará toda a experiência histórica do povo eleito e pode servir-nos de ponto de partida teológico, mas essencialmente, de fundamento no que à sinodalidade bíblico-cristã se refere. Nesse oráculo, Yahwé diz a Nathan, de forma muito simples e direta, para este comunicar ao rei David:

*Eu não careço de qualquer templo;
Eu sou um deus que caminha convosco, no meio de vós, indo à vossa frente ou na retaguarda, fazendo o mesmo itinerário.*

2 Sam 7,6-7

Este oráculo, de que o profeta se faz eco, faz-nos sentir que Deus não deseja estar retido num templo, pois não é um deus local, um deus de um tem-

plo, de uma cidade ou de uma monarquia, mas sim um Deus que faz história com um Povo que elege e caminha com ele pelos mesmos caminhos que os seus eleitos devem percorrer. Este processo não é apenas o seguimento de um “caminho” (um ὁδός - *odos*), mas sim um deixar-se “caminhar com”, um συν-ὁδός (*syn-odos*), ou seja, um percurso de sinodalidade, no que a revelação bíblica diz respeito.

4. A SINODALIDADE ORANTE DO POVO DE DEUS

Uma das fundamentações mais marcantes da sinodalidade do povo eleito é aquela que se traduz na oração, presente nos textos bíblicos, de forma particular nos *Salmos*, abarcando todas as dimensões da experiência de vida do povo de Israel. A oração bíblica contempla e privilegia a dinâmica de procura e de diálogo incessante entre Deus e o Homem, numa melodia contínua em que as vozes se misturam e se confundem no horizonte de uma harmonia eterna.

Do princípio ao fim, a oração dos *Salmos* é de facto uma harmonia entre o chamamento de Deus e a resposta do Homem. Por isso, os *Salmos* são um contínuo chamamento que Deus dirige ao Seu povo, dizendo: ‘Voltai para mim e eu voltarei para vós’ (Zc 1,3; Ml 3,7). Ou então, a resposta de Israel que se traduz desta forma: ‘Fazei-

-nos voltar para vós, Senhor, e nós voltaremos’ (Jr 31,18; Lm 5,21).

Os *Salmos* são este eterno hino do regresso do povo eleito à amizade com Yahwé e é por meio deles que este permanente desejo de regresso se manifesta nas suas múltiplas formas, tal como já diziam os rabinos: 49 são os modos (as tonalidades) do Saltério e 49 são as portas do regresso a Deus. Cantando este eterno regresso à comunhão com Deus, os profetas conferem à sinodalidade um dinamismo de procura e de conversão que abre a esperança do povo a uma plenitude sinodal de comunhão.

5. OS HORIZONTES DA SINODALIDADE DO NOVO TESTAMENTO

Numa das primeiras referências que o Papa faz ao Evangelho de S. João (Jo 3,8, cf. *Documento Preparatório*, nº 2), o diálogo entre Jesus e Nicodemos, Francisco destaca a ação do Espírito que, como o vento, “sopra onde quer; ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai”, pretendendo com isso realçar a surpresa da ação que o Espírito realiza no coração dos crentes e interpellando à necessidade da ‘escuta’.

Esta surpresa, sendo um dom do Espírito, é também um dinamismo que decorre da partilha da mesma identidade batismal, que se abre às solicitações dos Irmãos e que nos congrega na mesma comunhão em Cristo. O texto de João lança diversos desafios que são fundamentais para que este encontro se realize: sair para ir ao encontro de Jesus.



Foto: IVISA 2018

O texto do encontro entre Jesus e Nicodemos, à semelhança de muitos outros, mostra-nos a importância do “sair ao encontro de...” e faz-nos sentir que sem esse sair não se chega ao encontro e assim não é possível chegar à compreensão do amor de Deus que em Jesus atinge a sua plenitude. Chegados aqui, é importante parar para escutar, já que, à semelhança do que já referimos acerca do AT, sem escuta não há acolhimento e sem acolhimento não chegamos ao discernimento do caminho.

6. “EU SOU O CAMINHO...” (Jo 14,6) O QUE É SER O ‘CAMINHO’?

‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida’ (Jo 14,6) é uma das frases mais emblemáticas do IV Evangelho, na qual Jesus se define como o ‘caminho’ (ὁδός) que leva ao Pai e que todos devem percorrer para alcançarem a plenitude da vida. Nesta afirmação, Jesus apresenta-se como um itinerário de sinodalidade e mostra-nos como esta dinâmica sinodal é, essencialmente, ‘um caminhar com’ (um συνοδος - *synodos*) que nos abre a uma relação de comunhão com Deus e de proximidade eclesial na descoberta do verdadeiro caminho para o Pai. Ora, esse caminho não é outro se não o caminho que é o próprio Jesus: “ninguém pode ir até ao Pai se não por mim” (Jo 14,6). Por isso, a sinodalidade é o caminho de Jesus em comunhão com o Pai e com os Irmãos que em Cristo se faz caminho, sabendo que Ele e só Ele é o verdadeiro ‘caminho’ e não há outro.

7. LUCAS – O EVANGELHO DA SINODALIDADE ITINERANTE

Lucas, vindo de um mundo diferente e de uma cultura mais humanista, destaca a dimensão itinerante que a presença de Jesus assume, numa caminhada que tem um duplo sentido: a procura e o encontro com Deus.

Eis alguns textos, personagens e dinâmicas narrativas que perfazem toda a narrativa lucana e que fazem deste Evangelho um verdadeiro percurso em dinâmicas de sinodalidade. Vejamos, de forma sucinta, algumas das referências mais marcantes desta proposta de Lucas.

7.1 No ‘EVANGELHO DA INFÂNCIA’ – Lc 1-2

A dinâmica sinodal de ‘encontro e de proximidade marca desde logo os dois ‘Cânticos Evangelógicos’ (*Magnificat* e *Benedictus*), onde se exalta a Misericórdia de Deus para com o Seu Povo e a presença do Salvador que, do seio de Maria, visita todos aqueles que o esperam (‘os pobres de Yhawé’).

Temos um Deus que manifesta a sua *hesed* (*ternura*), a sua *rehem* (*amor, compaixão* - as suas *entradas maternais*). Todas estas dimensões da ‘misericórdia’ de Yahwé para com o Seu povo partem da relação de aliança em que Deus se compromete com o Seu povo e com ele quer fazer uma família.



O Deus *êmet* (*verdadeiro*) coloca o homem em movimento e estabelece com ele uma dinâmica de ‘saída’ para se fazer testemunha da misericórdia, como o faz Maria na sua caminhada ao encontro de Isabel, levando consigo a Boa-Nova da esperança que, do seu seio, irradia a salvação que Israel esperava.

7.2 NAS PARÁBOLAS DA MISERICÓRDIA – Lc 15

O conjunto das Parábolas da Misericórdia (Lc 15), com as suas três facetas – o Bom Pastor e a ovelha perdida; a dracma encontrada e, sobretudo, a Parábola do Filho Pródigo – constituem o verdadeiro rosto de uma teologia sinodal em que se realça o *caminho* (a procura), o *encontro* (regresso do filho) e a *festa*, ‘porque o teu irmão regressou com vida’. O tema do regresso que leva ao encontro, à comunhão e à reintegração filial, é algo central à teologia bíblica. ‘Regressar’ ou ‘deixar-se encontrar’ implica sempre um

‘voltar às origens’ (bem expresso no uso de um verbo hebraico – *shum* – que significa *regressar às origens, às fontes*) e essas origens são os braços amorosos do Pai, onde o regresso ganha forma e sentido.

Este regresso é a sacramentalidade, que perfaz a reconciliação, sara a rutura da perca ou da fuga, reintroduzindo uma nova harmonia na relação com Deus que conduz à verdadeira sinodalidade de comunhão com Deus e também eclesial.

7.3 A LITURGIA SINODAL DO ‘CAMINHO DE EMAÚS’ – Lc 24

Para além das Parábolas da Misericórdia, Lucas 24 (*o caminho de Emaús* – 24,13-35) é um dos textos que nos oferece um programa acerca das diversas dimensões da sinodalidade cristã, apresentando-se como uma verdadeira proposta sinodal para a vida da Igreja, hoje. Trata-se, na verdade, de uma proposta de caminho, onde acontece o encontro, se acolhe a companhia do Mestre, mesmo que Ele ainda não tenha sido reconhecido, se escuta a Palavra e esta se abre ao seu sentido pleno que dá ‘calor ao coração’ e alento ao caminhar, se invoca a bênção e se partilha eucaristicamente o pão, expressão sacramental desse encontro e a partir do qual se é enviado em missão para anunciar e testemunhar o Ressuscitado junto dos outros e no meio do mundo.

Todo este rito que o texto nos oferece, em que Lucas nos procura apresentar o ‘verdadeiro encontro’ com o Ressuscitado, perfaz, de forma perfeita, todas as etapas de uma verdadeira sinodalidade. Do acolhimento à escuta, do caminhar juntos em busca de sinais para ‘O reconhecer’, até à partilha do Pão, tudo aqui é de facto um percurso que se faz paradigma de sinodalidade: o ‘*caminho de Emaús*’ é a melhor expressão da sinodalidade neotestamentária.

Por isso, a primeira grande reflexão que somos convidados a fazer passa, antes de mais, pela procura da fundamentação bíblica da sinodalidade, numa espécie de aprendizagem contínua desta caminhada de comunhão e de encontro, superando a tentação de pensar que a sinodalidade é uma ‘agenda de reuniões e de encontros’. É acima de tudo uma dinâmica nova de comunhão que se descobre seguindo os passos de Jesus e fazendo d’Ele o caminho que nos conduz ao Pai. ■

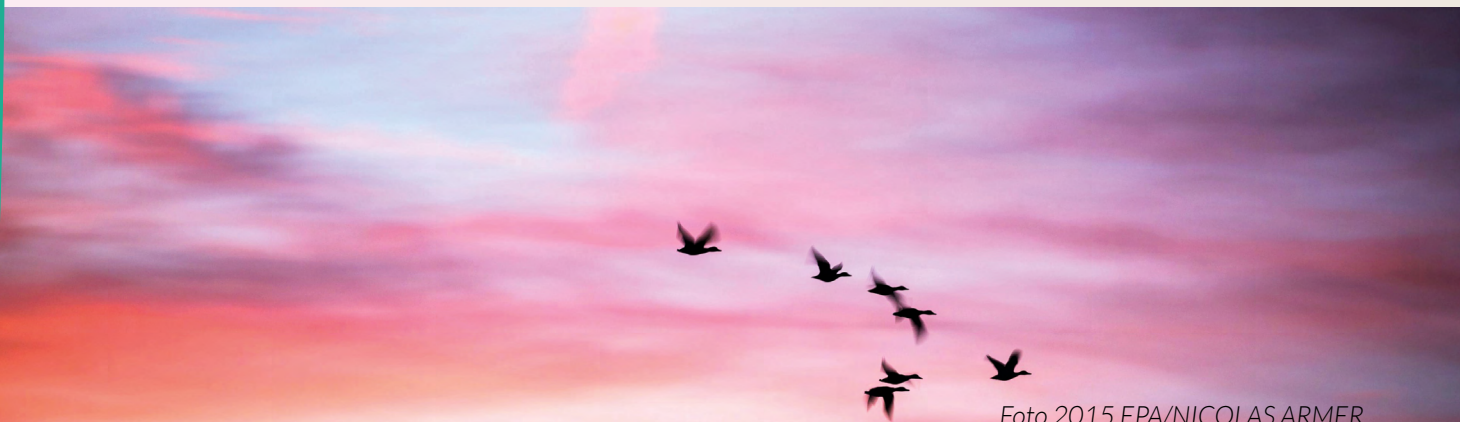


Foto 2015 EPA/NICOLAS ARMER

SINODALIDADE: FALAR COM PARRÉSIA

E OUVIR COM HUMILDADE

Nuno Santos



Não sei como é nos vossos computadores, mas no meu *word* a palavra *sinodalidade* aparece como erro. Já a palavra *Sínodo* o computador aceita como palavra correta. Não deixa de ser engraçado que o dinamismo, a ação, o processo... continue a dar erro, a não ser aceite como palavra no dicionário existencial dos nossos dias e da contemporaneidade... quem sabe até em muitos contextos eclesiais.

O tema da sinodalidade não é novo, tem uma história longa e rica. O que é novo é o contexto e a realidade social e eclesial que mudou muito nos últimos anos. Mas é nesse mundo e nessa realidade concreta que precisamos de continuar a incarnar o evangelho porque “fora do mundo não há salvação” (Schillebeeckx).

Continuamos a viver uma enorme pandemia que esperamos se torne, em breve, uma endemia. Podemos dizer que é a ‘primeira pandemia do século XXI’. Estamos todos debaixo da mesma ‘tempestade’, ainda que nem todos a sintam da mesma maneira.

Por muito otimista que possamos ser, a verdade é que os impactos desta pandemia são enormes e ainda não conseguimos ‘definir’ todos: o número de mortos (diretos e sobretudo os indiretos por falta de cuidados básicos); as sequelas físicas e psicológicas que decorrem do isolamento a começar nas crianças; os que estão nos hospitais ou cadeias e não podem receber visitas; o trauma daqueles que não se puderam despedir dos seus entes queridos na hora da morte ou têm de o fazer sem poder ter expressões de afeto e proximidade; os que sentem o abandono e a solidão, o aumento das depressões... entre leigos e também entre padres.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DESTE TEMPO ACELERADAS PELA PANDEMIA

Já não estamos no tempo de uma religião comunitária, que acompanhava todos os momentos da vida (sacramentos) e todas as horas do dia (trindades), nem num tempo onde a gramática e o imaginário religioso eram comuns a todos; nem no tempo da total confiança e respeito pelas instituições, como o Estado, a Igreja, a Escola (basta pensar na questão dos abusos de menores dentro e fora da Igreja); já não é o tempo da afirmação da fé feita sem lugar para a dúvida.

O que resta? O ‘narciso’ e o seu smartphone, o ser individual e a internet... A referência de hoje não é a autoridade, o cientista, o professor, o médico, o padre... mas os *Bloggers* e os *YouTubers*, os músicos e os jogadores de futebol, os atores e os comediantes...

A vida quase que acontece toda entre a imagem e o som, entre diversão e gostos pessoais.

A internet há muito que deixou de ser instrumento e passou a ser o ambiente de muitas pessoas e trabalhos.

A questão hoje já não é saber se tem computador, ou se tem internet, ou saber qual a *password*... mas qual a velocidade e a estabilidade da rede.

Tudo tende a ser fragmentado e sem centro, não se busca uniformidade, nem a simetria, desaparecem as grandes narrativas e investe-se num mundo pragmático e eficiente, experimenta-se a provisoriidade e tudo parece descartável (empregos, projetos de vida, pessoas...), vive-se de pluralidade e multiculturalidade – também religiosa, numa mobilidade sem paralelo (geográfica, conhecimentos...).



NECESSIDADE DE LAVRAR OS TERRENOS EM POUSIO

O Padre Adelino Ascenso, no seu último livro *A mística do arado* (2021), olhando toda esta realidade, fala-nos da necessidade de um trabalho prévio à sementeira – para a semente cair e frutificar, a terra tem de estar apta a acolhê-la... Já não é uma questão tanto do sementeiro, nem da semente, mas a terra que precisa de ser trabalhada. Ele fala das pessoas que são como ‘terrenos em pousio’ por lavrar.

Por tudo isto, ainda faz mais sentido ouvir o Papa Francisco a dizer que “*O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio*”. Uma sinodalidade que se revela “*como forma, como estilo e como estrutura da Igreja*” (*Documento Preparatório do Sínodo dos Bispos*).

Gosto de pensar no sentido da palavra sínodo: caminhar juntos. Temos sublinhado muito

o ‘juntos’ – isso é fundamental (uns com os outros e todos com Deus Trindade), mas também gosto de reforçar o caminhar. Ser radicalmente peregrino, colocar-se a caminho: certezas, força, vontade, desânimo, cansaço, adaptar-se diante das circunstâncias e dificuldades, pedir ajuda, recomeçar...

Há medos, muitos medos, também dentro da Igreja. Temos medo de que as pessoas agora decidam tudo e que os padres até corram o risco de ficar de fora ou para trás. Medo de que o Sínodo seja uma democratização ou uma protestantização... ou lugar onde as minorias assumam o poder.

ESCUTAR É MAIS DO QUE OUVIR

Deste modo, o segredo e o problema começa na escuta. Acreditar no poder da escuta – é um poder para quem é escutado e para quem escuta. Por exemplo, em vez de falar para os jovens ou falar deles, escutá-los...

Podemos aprender muito mais a ouvir do que imaginamos. Mas esta escuta não é apenas uns dos outros, nem apenas da nossa consciência, é a escuta da Palavra de Deus, a escuta do Espírito Santo, a escuta inspirada...

Na verdade, “*precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir*” (EG 171). É uma questão de ouvidos, mas essencialmente uma questão de coração. Neste sentido, adverte São Bento, na sua Regra: “*Meu filho, abre o ouvido do teu coração*”. O nosso problema começa logo na disposição do coração, fechamos o coração e os ouvidos.

A este propósito, o Papa Francisco dizia aos padres sinodais, em Outubro de 2014: “Uma condição geral de base é a seguinte: falar claro. Que ninguém diga: ‘Isto não se pode dizer; pensará de mim assim ou assim...’. É necessário dizer tudo o que se sente com *parrésia*. A *sinodalidade* exerce-se com estas duas atitudes. É por isso que vos peço, por favor, estas atitudes de irmãos no Senhor: falar com *parrésia* e ouvir com *humildade*”, ou seja, falar com franqueza, com liberdade, abertamente e publicamente. ■



Foto 2006. Dmitry Makeev | Commons Wikimedia

SONHO DE UMA IGREJA SINODAL



D. Armando Esteves Domingues

O objetivo do Sínodo não é produzir documentos, mas sim “fazer brotar sonhos, despertar profecias e visões, fazer florescer as esperanças, estimular a confiança, ligar feridas, tecer relações... e criar um imaginário positivo que ilumine mentes, aqueça corações, volte a dar força às mãos”.

Documento Preparatório do Sínodo, 32

Estas últimas palavras do *Documento Preparatório* falam de sonhos e visões, de confiança e imaginário positivo. Está aqui tudo quanto a Igreja e a sociedade necessitam, em tempos de crise e instabilidade postas a nu pela pandemia: deixar-se conduzir pelo Espírito de Jesus Cristo, fruto do Amor Crucificado e Ressuscitado presente em cada célula da Igreja reunida e unida. “Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles” (Mt 18,20).

Sonhar uma Igreja sinodal, percorrendo um caminho de fraternidade com todo o Povo de Deus! Belíssimo desafio e oportunidade. Não contarão tanto as reuniões, o que se “escuta” e diz, mas a experiência que faremos juntos para que fique uma prática constitutiva da Igreja muito para além do Sínodo de 2023. Não é agenda do Papa, é agenda do Espírito Santo. Sabemos que inicia agora, não sabemos onde nos leva!

O Papa na sua abertura ao Espírito Santo sabe quanto precisamos de visões que façam sonhar uma Igreja diversa: mais gerada que gerida, mais caminho que estacionamento, mais casa do Povo de Deus em saída que clube de praticantes. Há riscos imediatos: ouvir os de sempre, fazer escuta sem querer mudanças, dialogar sem discernir com quem se escuta, produzir mais um livro para as bibliotecas, sem *pathos*, sem *unção* e que para poucos serve.

A sinodalidade pede pessoas de dentro e de fora, crentes com capacidade de se escutarem e de escutar não crentes, de com eles construir laços de fraternidade que perdurem e sejam laboratório da capacidade missionária da Igreja. É o dinamismo do Reino estampado na parábola da semente: “O semeador saiu para semear... umas sementes caíram entre espinhos... outras em terra boa e deram fruto! Nasceu também o joio e os servos perguntaram: ‘Queres que vamos arrancá-lo? Não!... Deixai um e outro crescer juntos, até à ceifa’”. (Mt 13, 4-9)... No final do capítulo, a pergunta: *A que posso comparar o Reino de Deus? A um grão de mostarda...* (Mt 13,30).

Na sementeira é importante a qualidade do terreno, mas importa perceber que em nós e no nosso terreno há outras ervas, como o joio, que disputam os mesmos recursos vitais do terreno. Com a *parábola do joio*, Jesus quer abrir a fé dos discípulos de todos os tempos ao misterioso dinamismo do Reino, visível seja no grão de mostarda, seja no punhado de fermento, pois ambos desenvolvem uma energia imprevisível e desproporcionada em relação à própria aparência.

Na Igreja sempre foi assim: às crises sucedeu uma nova etapa luminosa, porque, quem as iluminou foram os santos e não os revolucionários! No exercício da sinodalidade surgirão muitos santos, gente pronta a deixar-se triturar no almofariz da cruz de Cristo para que se abra um ciclo novo, o do Espírito enviado às Igrejas.

Numa sociedade pluralista, a parábola parece sugerir que é preciso aprender a discernir com a simplicidade dos “puros de coração” estas novas oportunidades de anunciar a boa nova e de espalhar a boa semente de formas novas. Por falta de prática habitual, há medo da escuta e da avaliação. É por isso que a sinodalidade é proposta como o caminho da Igreja neste terceiro milénio!

1. ETAPA DECISIVA DA RECEÇÃO AO CONCÍLIO

Estamos a viver uma nova e decisiva etapa da receção ao Concílio, iniciada no momento em que apareceu um Papa com o seu estilo desabitual e provocatório, talvez somente evangélico.



Não se pode negar que a partir daquele momento muitos processos da igreja que pareciam girar no vazio, criando em muitos um sentido de profunda frustração, como que se reativaram a partir do horizonte da conversão pastoral em chave missionária, delineado com determinação no documento programático *Evangelii Gaudium*. A celebração dos sínodos da *Família*, dos *Jovens* e da *Amazônia* foi um banco de ensaios sobre a capacidade de reforma da igreja, encontrando na sinodalidade o estilo adequado para caminhar juntos, enfrentar e superar não só os desacordos, mas em alguns casos a crítica hostil e o conflito aberto.

O CONCÍLIO VATICANO II FOI O INÍCIO PROVIDENCIAL DO PROCESSO QUE LEVA A ESTE CAMINHO SINODAL CONVOCADO PELO PAPA FRANCISCO.

Embora entre mil contradições que conhecemos bem, o Povo de Deus aprendeu a viver com gosto e fruto as várias expressões do rosto da Igreja desenhado pelo Concílio: da liturgia renovada à escuta comunitária da Palavra de Deus, da colegialidade episcopal à redescoberta da co-essencialidade, dos dons carismáticos na vida e missão da Igreja à redescoberta e valorização da igual dignidade de todos os batizados, do irrenunciável caminho ecumênico à vocação universal à santidade.

A implementação de uma Igreja sinodal é simultaneamente o fruto convergente de tudo isto e o necessário e coerente passo em frente que permite dar casa, figura e zelo missionário ao esforço de renovação promovido pelo Concílio. É a primeira vez que todo o povo de Deus, e não apenas os bispos, é convocado estruturalmente num processo sinodal destas proporções e em 3 etapas.

2. CONVERSÃO É PALAVRA-CHAVE

Hoje vive-se muito à pressa, “falta” tempo para refletir, rezar, pedir ajuda, dialogar, escutar, avaliar ou discernir. Quem toma decisões, fica muitas vezes à espera da motivação automática dos destinatários. Ao lado da palavra dita, falta quem faça caminho conjunto para a encarnar. A pedagogia de Deus nesse aspeto é mais sinodal: Jesus veio da Trindade para nos escutar, caminhar na mesma humanidade e ensinar a viver o Amor do Pai. Deus envolve-se connosco, caminha connosco.

O modelo pastoral vigente é frequentemente muito vertical, os processos pastorais pouco criativos e missionários. Francisco convida-nos a fazer a rotação, assumindo o conceito dos Padres da Igreja, que “o *sínodo* é o nome da Igreja”.

E isto significa, na opinião de Piero Coda, Secretário da CTI, “um ponto de viragem copernicana da eclesiologia conciliar porque determina a desclericalização do conceito da Igreja e a redescoberta da ontologia cristã como fundamento de uma igualdade fundamental entre todos os membros”.



Foto MSA 2018

3. TODOS E JUNTOS NO CICLO NOVO DO ESPÍRITO

A Sinodalidade é um conceito para o presente e o futuro do cristianismo, método e conteúdo ao mesmo tempo. É percurso sempre aberto para envolver a todos no que a todos diz respeito, sem precipitar conclusões. O mesmo aconteceu nos últimos Sínodos em que, em vez de conclusões, o Santo Padre apresentou linhas abertas e de carácter orientativo, a provar que até as conclusões de um processo sinodal podem ser colocadas à prova. Tal aconteceu com a *Amoris Laetitia*.

“Podemos compreender a desilusão daqueles que esperavam uma palavra resolutive da sua parte. É importante entender a sua exortação como um modo de respeitar o grau de maturação alcançado pela reflexão comum ... sem se impor por cima do nível alcançado pelos padres” (F. Scanziani).

O Sínodo da Amazónia mostrou que é possível pensar a Igreja juntos, pela palavra de leigos e leigas, guardiães da leitura dos sinais dos tempos e das linguagens do nosso tempo (cf *Gaudium et Spes*, n. 44) e pela palavra dos ministros ordenados, *in primis* os bispos, guardiães da *traditio apostolica* na qual se faz Igreja (cf *Dei Verbum*, n. 8).

Todos e juntos são palavras que adquiriram nova força e significado, até pelo período de pandemia vivido! A escuta de todos potencia o discernimento comunitário, esse fruto maduro da ação do Espírito Santo que requer a **humildade** que purifica os pensamentos, os sentimentos, as emoções e até os movimentos interiores, fazendo-os passar pelo “esvaziamento” por amor (Cfr. Fl 2,3-5).

Para este exercício responsável do **discernimento**, devemos perguntar-nos: *que intenção anima e orienta a minha participação?*

Se a intenção não for a justa e correta – isto é, **a tensão para escutar o Espírito** –, tudo está desfocado à partida e corre o risco de poluir e até de falsear o processo subjacente.

Pede-nos uma **intenção agápica** de acolher a todos e de nos acolhermos reciprocamente, como Jesus fez, até ao dom da vida. Pede-nos intenção de **escutar**, de compreender, de dar o primeiro passo, de se fazer um, de saber esperar e dar a sua contribuição no momento certo e do modo certo.

SE O REALIZADOR, NO PROCESSO DE DISCERNIMENTO COMUNITÁRIO, É O ESPÍRITO SANTO, QUAL É A BÚSSOLA QUE NOS APONTA E GARANTE QUE ESTAMOS SINTONIZADOS COM ELE?

Há **critérios objetivos** que garantem que vamos no Caminho certo: a Palavra de Deus em primeiro lugar, a fidelidade à Tradição viva da Igreja, o magistério, os carismas do Espírito, o **sensus fidei** do Povo de Deus..., no entanto, há um critério interior decisivo: **o sentir no Espírito**.

Tal sentir no Espírito pede para ser conjugado com **um pensar sinodal**. É necessário conhecer e estudar as situações e os problemas sobre os quais somos chamados a operar o discernimento, mas é necessário fazê-lo com este pensar inspirado pela sinodalidade.

ESTE É UM CICLO MUITO MAIS CANSATIVO, PORQUE NÃO É FILOSÓFICO, A DIMENSÃO AQUI É A MESMA DO MISTÉRIO.

4. SONHAR UM NOVO ESTILO PASTORAL

O Papa Francisco usa com frequência o termo “sonho” aplicado ao que anseia para a Igreja: o sonho missionário, o sonho de uma Igreja sinodal, o sonho de um novo estilo de pastoral, o Sínodo que deve fazer brotar sonhos, etc.

Neste contexto, encontra pertinente lugar a re-interpretação do conceito e do exercício na Igreja da autoridade e da participação. Este é um dos nós cruciais da experiência eclesial nos nossos dias.

Francisco exorta-nos a retirar as consequências da perspectiva da “pirâmide invertida” que é propiciada no Vaticano II pela ênfase no Povo de Deus e, dentro dela e ao seu serviço, nos múltiplos ministérios e carismas que articulam o corpo eclesial.

A verdade é que na Igreja a autoridade, expressa no conceito bíblico de *exousía*, é propriedade única e singular do Cristo crucificado/ressuscitado que a recebe do Pai e a exercita no Espírito Santo.

Ele comunica-a a toda a comunidade dos discípulos, de formas distintas e diversas, para que na sua co-essencialidade e interação recíproca possam expressar a sua presença e senhorio.

Nesta visão eclesiológica, a *exousía* de Cristo não é a prerrogativa exclusiva daqueles que são chamados e habilitados a exercer o ministério ordenado, mas alarga-se à pluralidade dos carismas, ministérios e vocações que, sob a direção do ministério ordenado, só juntos exprimem a *exousía* de Cristo.



5. COMUNIDADES DE ROSTO SINODAL

Sínodos, colegialidade, organismos de participação, são algumas das realidades que caracterizam o estilo sinodal da igreja amadurecido no pós-Concílio, mas temos que admitir que não é tudo ouro.

Fala-se muito de participação, os conselhos reúnem-se, mas o modo como se tomam as decisões parece ter mudado muito pouco. Não obstante as estruturas participativas, a participação real custa a avançar. Na comunidade e nos lugares de encontro vão-se difundindo e crescendo a desilusão e o cansaço. Não foi por isso suficiente criar estruturas de participação. (Zulehner)

O desconforto dos leigos em relação a um certo paternalismo clerical faz-se sentir e uma minoria não pequena destes leigos, mesmo estreitos colaboradores, estão como que ressentidos e em risco de diáspora. Há quem se refugie na imagem nostálgica autoritária da igreja;

A normativa canónica atribui exclusivamente a um bispo, na diocese, e ao pároco, na paróquia, o direito e o dever de tomar qualquer decisão que seja sobre a vida da comunidade, com a possibilidade de consultar, se o quiser, o Conselho pastoral diocesano e respetivamente o paroquial.

...
Assim sucede que os pastores da igreja devam assumir-se toda a responsabilidade de decidir mesmo sobre assuntos para os quais o Sacramento da ordem recebido não lhes deu de facto o necessário carisma. (Dianich, Reforma da Igreja)

A grande maioria, que não tem responsabilidade de governo, aceita as decisões, sabendo que não lhe compete sequer fazer perguntas sobre o seu mérito e assim não exprime aquilo que pensa, nem escuta realmente o que lhe é proposto, pelo contrário, frequentemente, pensa que nem sequer lhe é destinado.

RESPONDER ÀS MUITAS OBJEÇÕES SOBRE AS ESTRUTURAS E O PODER, MESMO COM BONS ARGUMENTOS, É TEMPO PERDIDO, SE COMO CRISTÃOS NÃO CONSEGUIRMOS ATIVAR E VISUALIZAR UM ROSTO DE IGREJA MAIS DIALÓGICO, MAIS EMPÁTICO E PARTICIPATIVO, NO FIM MAIS SINODAL.

Pedir participação e não oferecer participação lança ao descrédito os caminhos da igreja que pedem interação, diálogo, autêntico envolvimento.

É por isso que existe na Igreja aquilo a que alguém chamou de “cisma submerso” que leva ao afastamento de muitos de uma igreja em que se sentem minorizados.

A Igreja precisa que este estilo sinodal adquira rosto. Para a sonhada conversão sinodal não basta converter o pároco ou os leigos. As comunidades estão cansadas e as razões são muitas, é estrutural!

Como pároco senti-o na pele. Durante 21 anos fui pároco *in solidum*: dois padres eram párocos com os mesmos poderes. Esta modalidade de nomeação era um desafio constante à comunhão, não deixava espaço para uma paróquia “pároco-centrada”. *Poder trabalhar em equipa foi sempre uma graça.*

Em 2006, fui colocado num Vicariato (quase paróquia) com outro sacerdote e com a tarefa de construção de uma nova igreja e estruturas pastorais. “Se houver comunidade e vida que o justifique, avançaremos para a nova igreja”, dizíamos.

Num tempo em que se falava de Nova Evangelização surgiu a Exortação papal *Evangelii Gaudium* que parecia dirigida àquela comunidade:

A paróquia não é uma estrutura caduca...Temos, porém, de reconhecer que o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-se ainda mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão e participação e orientando-se completamente para a missão. (EG 28)

Assim, procurámos definir uma “visão” de paróquia em que todos soubessem responder à pergunta “*a que nos está Deus a chamar neste momento? Para onde está a andar a nossa paróquia?*”.



D. Armando contribuiu para a constituição desta comunidade como paróquia, caminhando com todos em sinodalidade, dando passos em conjunto, todos responsáveis pela evangelização. Fotos do site e do Facebook da **Paróquia de Nossa Senhora do Viso** | <https://senhoradoviso.diocesedeviseu.pt/> | <https://www.facebook.com/paroquiaviso/>.

Alguns princípios iam-se tornando performativos: *ninguém deve estar sozinho e nenhum grupo pode ir por conta própria*; sempre dois ou mais como nos diz o Evangelho; *nada sem leigos*; nenhum grupo ou atividade seria feita sem leigos a coordená-la; *cada um só pode ter uma tarefa na paróquia*; não deixar aparecer a mentalidade de imprescindíveis ou donos das coisas, mesmo dos ministérios; *erradicar a palavra eu e afirmar a cultura do nós*; tudo é de todos e cada um deve interessar-se tanto pelas próprias tarefas como com o sucesso das dos outros; *nada sem os pais na catequese*; todos os serviços, grupos ou ministérios devem ser evangelizadores, fazer crescer a Igreja.

A PARÓQUIA MUITAS VEZES PARECE-SE COM UM ESTÁDIO DE FUTEBOL: HÁ SÓ 22 A CORRER COMO LOUCOS E MILHARES A OLHAR.

É preciso “obrigar” as pessoas a interagir, a trabalhar juntas, valorizando o humano, sem medos! Oportunidades? Há muitas, senão inventem-se. Um empresário dizia-me um dia: “isto é que é evangelização”. Era coordenador do grupo de caminhadas e peregrinações (Fátima e Compostela). Dizia isto evidenciando como tantos se integravam na vida comunitária com as suas famílias, eles que, antes, estavam “fora”.

Para melhor encarnar a sinodalidade não podemos prescindir das famílias (casais), das suas histórias de diálogo e discernimento, de tensões e acordos. Eles sabem o que custa estar juntos, amar-se nas diferenças, ouvir-se e dizer tudo com clareza (com “parrésia”), sem medo, porque sabem que vão ser escutados com amor!

6. SABER DELEGAR

É a chave de uma comunidade e o sucesso de uma paróquia. Jesus fê-lo com os seus ao pôr nas suas mãos tudo: doutrina, Eucaristia e os outros sacramentos, missão, discernimento, organização futura. Tudo ficou nas mãos de pessoas frágeis, falíveis, pecadoras, como nós leigos, padres, religiosos ou bispos!



No caminho sinodal e da escuta, o clericalismo opõe-se imediatamente à sinodalidade: uma igreja clerical, de facto, já sabe como vai o mundo e tem ideias muito precisas para fazer funcionar as coisas. Há ainda muito clericalismo e não só dos padres, também de muitos leigos que cultivam uma imagem monolítica e segura da comunidade cristã e que, todavia, vivem à sombra do padre.

O clericalismo é um problema pastoral quando passa pela falha na promoção do laicado, que, vivendo na história, perceberia mais facilmente as transformações da sociedade e daria ao sacerdote uma adequada percepção dos *aggiornamenti* necessários para tornar eficaz a ação pastoral. Numa visão clerical, fica-se fechado no formalismo da autorreferencialidade.

7. FAZER-SE AO CAMINHO

Quando se fala de sinodalidade podem-se correr muitos riscos, entre os quais, o da deriva reivindicativa, no sentido de criticar e demolir, e não alimentar a comunhão. Um verdadeiro caminho sinodal não quer fazer terra queimada, mas recolher e valorizar cada fragmento, aprender dos erros do passado para não os repetir, criar consenso sem se acomodar, olhar longe enquanto se vive cada passo.

A fase de escuta deve fazer nascer homens e mulheres sinodais. As lamentações sobre o mau funcionamento da igreja e dos organismos de participação são um desperdício. A igreja de facto, não é nem monárquica, nem oligárquica e nem sequer uma democracia, mas antes uma *demo-graça*, no sentido que ali há uma Graça, um dom confiado a todos que deve traduzir-se em colegialidade, em subsidiariedade, complementaridade, corresponsabilidade, participação de todos nas decisões que dizem respeito a todos.

Por fim, será uma oportunidade para acordar o gigante adormecido. Se na vida eclesial o primado está na evangelização, não se poderá estar em linha com esta perspetiva enquanto os leigos não estiverem na igreja como verdadeiros protagonistas aos quais é dada a palavra, é reconhecida competência nas coisas do mundo assim como nas eclesiais e, portanto, sujeitos da missão em primeira pessoa e não por delegação. É impossível imaginar uma igreja sinodal sem uma rede de carismas laicais que tornam viva a comunidade cristã e a mantêm em osmose com o mundo.

FAZ-SE CAMINHO ANDANDO.

PARA JÁ, TEMOS A CERTEZA DO ESPÍRITO SANTO COMO PROTAGONISTA.

OXALÁ ELE POSSA MOLDAR ESTA IGREJA SINODAL

NO NOSSO LONGO PERCURSO DA SINODALIDADE. ■



PAPEL DA MULHER NOS PROCESSOS DE REFLEXÃO E DECISÃO EM IGREJA

#SÍNODO #SINODALIDADE #IGREJA

Sílvia Monteiro



Texto pescado na rede *Facebook*, a 5 de fevereiro, às 20:11. Faz parte de uma série de reflexões sobre o Sínodo que a Sílvia Monteiro tem vindo a partilhar na sua página pessoal do *Facebook*.



A IGREJA TEM UM ROSTO FEMININO!

As mulheres estão em maioria na Igreja, são responsáveis pela maior parte do serviço na liturgia, catequese, ação social... No entanto, quando olhamos para os processos e locais de reflexão e tomada de decisão, onde está essa representação? Qual o número de mulheres verdadeiramente envolvidas nos processos de decisão na vida da Igreja?

A realidade é assustadoramente dolorosa. Não falo numa proporção de acordo com a participação, nem sequer numa lógica de paridade... Falo na necessidade imperiosa de dar voz às mulheres, que não são melhores nem piores do que os homens, são DIFERENTES! Considero que esta ausência de mulheres na liderança da instituição é uma das principais causas para o declínio progressivo e avassalador da nossa Igreja.

Apesar do contexto religioso, social e político, as mulheres tiveram um papel central na vida de Jesus; estiveram sempre

presentes na Sua vida, mesmo nos momentos mais dolorosos. Foram elas que permaneceram aos pés da cruz! Foi a uma mulher que Jesus anunciou a sua ressurreição e enviou a anunciar a boa-nova!

Durante séculos todas as dimensões da vida, da sociedade e da Igreja foram dominadas por homens. O que é que isso nos trouxe? Demasiadas vezes guerras de poder, injustiças, desigualdades, escândalos sexuais, destruição da casa comum...



É URGENTE MUDAR ESTE PARADIGMA!

É urgente reconhecer as características da energia feminina: acolhimento, cuidado, doação, compaixão, contemplação, conciliação, harmonia, criatividade, ternura, sensibilidade, beleza, leveza, intuição, espiritualidade... Dons tão necessários ao nosso tempo!

Atualmente, na sociedade, instituições e organizações preconiza-se uma liderança baseada na confiança, fundada na CREDIBILIDADE, FIABILIDADE E INTIMIDADE. Acredito que as mulheres têm de assumir um papel essencial neste novo estilo de liderança em Igreja, tão fragilizada pelos abusos de poder perpetrados e perpetuados pelos homens, em particular pelos ministros ordenados.

Na exortação apostólica *Querida Amazônia*, o Papa Francisco reconhece a força e o dom da mulher e reafirma o seu papel central na Igreja sinodal.

Para que esta realidade seja possível, cada uma de nós tem de colocar os talentos que recebeu ao serviço de Jesus Cristo e da Sua Igreja, assumindo em cada comunidade, paróquia e diocese a plenitude da sua missão enquanto mulher.

Ser mulher nos nossos dias constitui um desafio, mas acredito que podemos ter um papel decisivo para despoletar o processo de mudança de que a Igreja tanto precisa, neste caminho de sinodalidade, caminho aberto que se desdobra no tempo, num estado permanente de renovação!



QUERIDAS MULHERES, NINGUÉM FAZ O NOSSO CAMINHO POR NÓS!

Precisamos de sair da nossa zona de conforto para entrar em novas zonas de aprendizagem, colocar o foco no essencial, exercitar a escuta ativa, aceitar novos desafios, ousar fazer a diferença e acreditar que temos condições para seguir em frente, para sermos protagonistas neste caminho de renovação e reparação da Igreja. ■

Querida Amazônia... Dois anos depois

Idalino Simões

Índios da tribo Pataxó. Foto 2006, Agência Brasil. À direita: Floresta Amazônica. Foto 2015, Antonio Campoy | Commons Wikimedia.

2 de fevereiro de 2020 é uma data para registrar. Foi o dia escolhido pelo Papa Francisco para o lançamento da Exortação Apostólica Sinodal *Querida Amazônia*.

É uma carta de sonhos. De quatro sonhos. O sonho desvenda o futuro, indica horizontes de caminhos por trilhar. Faz acontecer o que se espera. Uma Carta Apostólica não é um documento para arquivar. É um processo dinâmico a reunir vontades e a concretizar desafios. Dois anos depois como vão os quatro sonhos do Papa Francisco?

Várias vozes surgiram neste aniversário para sublinhar as sementes que germinaram desta sementeira em terra arada e revolvida. A estruturação do Sínodo da Amazônia e a sua realização são um modelo orgânico para o desenvolvimento de uma Igreja sinodal, capaz de se deixar converter pela escuta e pela descoberta do que está a acontecer no interior do povo de Deus.

São vozes de gente que no terreno vai acompanhando e esperando o milagre da germinação das sementes espalhadas há dois anos. Apresento uma pequena seleção de vozes com diferentes responsabilidades no acompanhamento da seara que vai germinando.

1. CELAM

O Presidente do *Conselho Episcopal Latino-Americano* (CELAM), Héctor Miguel Cabrejos Vidarte, OFM, arcebispo de Trujillo, no Peru, salienta as repercussões no interior do próprio CELAM, que realizou uma reestruturação profunda das suas estruturas para que estejam mais próximas do povo e possam ser mais ágeis no desenvolver de iniciativas:

Em comunhão com a Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama) e a Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), o Celam abraçou esses sonhos em seu recente processo de renovação e reestruturação - ressalta o arcebispo - assumindo-os como 'pedra angular' e referência permanente de seus eixos prioritários, em torno

da centralidade de Jesus Cristo e como expressão de nosso compromisso com o desenvolvimento humano e a ecologia integral, e com uma Igreja sinodal em saída missionária.

Destaca, em seguida:

Os projetos e o trabalho que surgiram à luz da renovação são alimentados pelo Magistério Pontifício que recebemos através da 'Querida Amazônia' e procuram ser uma resposta efetiva aos gritos proféticos dos pobres e da Mãe Terra, através da inculturação do Evangelho nos territórios, da defesa dos direitos dos povos e das culturas ancestrais, dos quais temos muito a aprender.

2. ARCEBISPO DE PALMAS E PRESIDENTE DO REGIONAL NORTE 3 DA CNBB, D. PEDRO BRITO GUIMARÃES

Numa das entrevistas realizadas pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) sobre os dois anos de *Querida Amazônia*, a primeira é com D. Pedro de Brito Guimarães, aqui citada a partir do *Vatican News*:

Foi uma agradável surpresa esta carta. Primeiramente pelo estilo. Na verdade, esta carta é uma verdadeira carta de amor à nossa região, à região Amazônica, com todas as suas belezas, riquezas, debilidades, conflitos, problemas e desafios. Eu queria destacar este gênero literário.

Quando todo mundo esperava um documento dogmático, canônico, de permissão e proibição, como é o estilo de nós todos, chegou uma carta de amor, o que para alguns foi um banho de água fria, mas para nós que temos este viés mais poético, este viés mais místico e contemplativo, nesta carta o grande significado, a mudança está no estilo, no gênero literário e nas abordagens, sobretudo, dos sonhos.

Isto parecia pouco para muita gente. Porque sonho é uma coisa normal a que as pessoas não dão valor. A partir de agora as pessoas consideram que sonho não é coisa de quem não tem nada que fazer ou está dormindo no travesseiro. Sonho é querer, é sede e desejo. Ai da pessoa, organismo ou instituição que não tenha sonhos. Quem já não sonha, morreu...

*Eu diria que os três pontos positivos que estão acontecendo na Amazônia e que vêm do Sínodo, da preparação do Sínodo e da Querida Amazônia são a **reunião**, a **revisão** e a **recriação**. Parece-me que estes três pontos estão em processo de entendimento e de implantação. São processos lentos, graduais, invisíveis, mas estão sendo interiorizados no coração da Igreja e dos fiéis na Amazônia.*

3. DANIELA CANNAVINA, SECRETÁRIA GERAL DA CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE RELIGIOSOS

São várias as congregações religiosas que diariamente tornam presente a missão da Igreja no mundo da Amazônia. Eis o testemunho de Daniela Cannavina:

Há uma tarefa pendente para continuar a fortalecer processos num tempo não muito amplo e de maneira comunitária...

A vida consagrada sente-se fortemente convocada uma vez mais a despertar para a Amazônia, sem nunca deixar de sonhar, já que os sonhos nos convertem em profetas. Continuamos a estimular muitas congregações a formar equipas itinerantes para continuar a dinâmica de escuta das realidades amazônicas, à luz do processo sinodal.

4. O SECRETÁRIO-GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, O CARDEAL MARIO GRECH

Por último e pelas suas responsabilidades no desenrolar da experiência sinodal da Igreja, a palavra do Cardeal Mario Grech:

Algumas sementes ainda estão em processo de germinação, outras ainda não deram frutos, mas muitas cresceram, estão florescendo e seguirão dando vida por gerações futuras. Em tudo isso, 'Querida Amazônia' permanece tão relevante agora quanto foi ao ser publicada. Continua sendo uma carta de amor escrita para e com o Povo de Deus que peregrina neste belo e ameaçado território; continua sendo uma carta que emana da gratidão do Papa Francisco pela força com que o Espírito Santo irrompe deste lugar teológico (locus) para iluminar e despertar o coração do mundo e da Igreja.

4. DOM LAURO, BISPO DE COLATINA

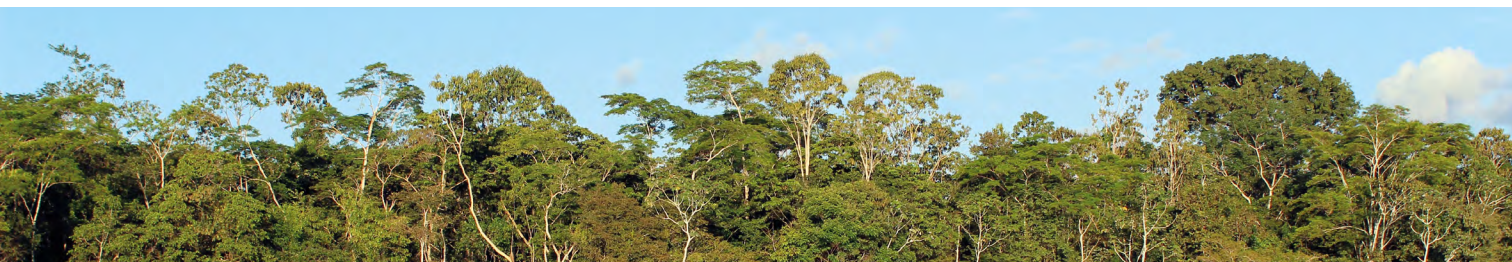
Termino com o relato de um gesto.

Ao tomar posse, o bispo de Colatina, Dom Lauro, surpreendeu tudo e todos com um gesto inesperado. Ele beijou os pés do indígena pataxó Antônio Carlos, da aldeia Pau-Brasil, de Aracruz, e afirmou:

Queremos ser a igreja sempre mais fiel ao evangelho de Jesus, uma igreja pobre nos seus meios e para os pobres. E se há alguém com quem nós temos uma grande dívida, são os povos originários.

Então, chamou Antônio Carlos até ao altar:

Eu gostaria que você recebesse este gesto dirigido a todos os povos originários, a todos os pobres, a todos os sofridos. ■



A dança das cores

Juan Ambrosio

Partilho com os nossos leitores uma experiência que me tem causado grande desconforto, e mesmo alguma angústia, nestes dias. Refiro-me à experiência do tempo ou, melhor dito, da falta de tempo. Não creio que esta referência cause surpresa a ninguém, pois já todos, num ou outro momento, tivemos a sensação de que o tempo não chegava para tudo aquilo que tínhamos de fazer.

Pois bem, é isso que me está a acontecer. Olho para a minha agenda e vejo como está carregada de cores (tenho um código de cores para as várias atividades), preenchendo quase a totalidade das horas do dia e mesmo do fim de semana. E muitas das noites também estão coloridas. Tantas coisas para fazer, tantas coisas quase que encavalitadas em cima umas das outras.

Ao ver essa mancha colorida fica a sensação, embora deva antes dizer, para prestar tributo à verdade, fica a certeza de que já não é possível dar conta do recado. Então torna-se necessário adiar, recalendarizar, procurar novos espaços, num exercício um pouco inglório de libertar tempo que acaba, depois, por ser ocupado noutra altura. É a dança das cores no meu calendário.

Mudam de um lado para outro, mas em boa verdade não desaparecem. Libertam um espaço aqui, mas ocupam outro logo acolá e a mancha vai-se espalhando.

Ao tomar consciência desta realidade vem-me à memória o que podemos ler no nº 18 da *Laudato si'*:

A contínua aceleração das mudanças na humanidade e no planeta junta-se, hoje, à intensificação dos ritmos de vida e trabalho, que alguns, em espanhol, designam por «rapidación». Embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica. A isto vem juntar-se o problema de que os objetivos desta mudança rápida e constante não estão

necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral. A mudança é algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade.

Rapidación é a palavra que, na minha língua materna, traduz bem aquilo que estou a sentir e que, certamente, já muitos, para não dizer todos, sentiram. Temos ritmos de vida tão acelerados que corremos o risco de não saborear a vida.

Com isto não estou a dizer que as coisas que temos de fazer não sejam importantes. Sei que o são, embora também saiba (não o sabemos todos?) que nem todas o são na mesma medida e que até algumas (muitas?) não o são mesmo, embora os nossos estilos de vida lhe acabem por dar esse estatuto.

Sei também que para muitos o tempo não corre (não foge) assim, pois a situação em que se encontram, tantas vezes de fragilidade e sofrimento, parece nunca mais ter fim. Não quero ser injusto parecendo desconhecer que para esses o tempo demora muito, mesmo demasiado, a passar.

O que quero partilhar é esta convicção da necessidade que temos de parar a dança das cores nos nossos calendários, ou seja, a necessidade de desacelerar o nosso ritmo de vida e não por que a vida não seja importante, mas precisamente porque o é.

As coisas importantes que temos de fazer, têm mesmo de ser feitas, mas para dar sabor e significado à vida, à nossa e à dos outros, mas no meio de espaços que não estejam todos preenchidos por cores. Por mais difícil que seja, parece-me que temos mesmo de rever a paleta de cores do nosso calendário.

O tempo da quaresma que estamos já a viver é um tempo propício para fazer esse exercício. Nele somos convidados a parar, não para nos imobilizarmos, mas, pelo contrário, para não correremos o risco de ficar paralisados, porque o tempo não chega para viver. Este é o tempo próprio para pararmos a dança das cores, para priorizar e ver o que é realmente importante para a vida, e repito, para a nossa e para a dos outros.

Este é o tempo adequado para preenchermos muitos espaços do calendário com o nome de pessoas em vez de cores, de modo a nunca esquecer que a vida humana, mais do que a partir de simples dinâmicas biológicas, se tece a partir das relações pessoais.

Este é o tempo oportuno para deixar espaços em branco no calendário, não porque queiramos ter espaços brancos na nossa vida, mas precisamente pelo contrário, porque precisamos do dom, da gratuidade, da surpresa, da novidade, do Espírito (e Ele sopra como quer e do modo que quer) para que ela aconteça em toda a sua amplitude.



Precisamos de mudanças, sim. Mas daquelas que sejam adequadas à condição humana, daquelas que sejam adequadas ao cuidado da nossa Casa Comum. Para isso temos de deixar de fazer tantas coisas, para fazer aquelas que são as justas e necessárias. Precisamos mesmo de parar a dança das cores, de modo a que o nosso calendário tenha as tonalidades que melhor traduzam a condição humana, e uma vez mais, a nossa e a dos outros. ■



Nuno Sobral Camelo

Chegada dos Símbolos da JMJ ao Alqueva e Évora. Foto de Arlindo Homem | AIIC, janeiro 2022.

De entre os muitos sonhos que se encaixam na vida, a vivência projetada de uma Jornada Mundial da Juventude é com certeza um deles.

O mais bonito dessa maravilha de antecipar um encontro com jovens de todo o mundo e com Cristo nessa melodia única de silêncio e música é o caminho que se vai edificando, ao teu ritmo. E nesse caminho, quase de forma imperceptível, o mundo vai-te dizendo: **quero ser como tu!**

Os jovens querem conquistar o mundo. Cristo conquista os seus corações. O mundo quase sempre, muitas vezes, quer pouco dos jovens. Cristo quer ser do mundo e assim ser jovem como os jovens, querer o mundo como os jovens.

Cristo quer ser, a caminho da JMJ Lisboa 2023, um sinal de juventude em caminho, em movimento, em rota com o céu que se olha, firmando os pés na estrada que se percorre. E tu estás a caminho. E tu vais dizendo a Cristo: **quero ser como Tu!**

Ser sinal de Cristo, com a vida, com a tua juventude, é assumir em todo o lado que já não és tu quem vive, mas antes Cristo que vive em ti. Então a tua vida roda sobre ti próprio, fundamenta-se no mais fundo que há em ti e tu tornas-te sinal.

Então recebes os símbolos da JMJ, a Cruz Peregrina e o Ícone *Salus Populi Romani* e a tua felicidade é anunciar, é ser símbolo, é ser o próprio Cristo nas tuas palavras, nas tuas ações, nas tuas coisas todas.

E então olhas Maria, ali na tua frente, com o Menino nos braços e, no meio desse momento de verdadeira oração, Maria vai-te dizendo: **quero ser como tu!**

E quando dás por ti, quando damos por nós, estamos nas ruas, nas praças, nas casas das pessoas e nas pessoas que não têm casa. Nos pobres, nos velhos, nas crianças e nos que ninguém quer. E quando damos por nós os dias passam e tu não queres voltar a casa, queres viver sempre assim a caminho, indo ao encontro, proporcionando encontro, de terra em terra, neste Alentejo que é tanto, neste país que é mundo.

E todos querem ver os Símbolos dessa JMJ que se faz caminhando e tu estás no caminho com eles e por eles. E quando dás por ti já são tantos a caminho. E depois, no final daquele dia, depois de tantos jovens, vem um que ninguém tinha visto, acerca-se da Cruz, toca-lhe e tu ouves dizer baixinho: ***quero ser como Tu!***

A Arquidiocese de Évora é de uma beleza estonteante e nessa paisagem de uma escala e tantos povos, o povo de Deus continua a caminho, tirando da pobreza da terra a riqueza tremenda da vida, todos os dias, todas as vidas. Um dia, dois dias, os Símbolos passaram e ficaram tanto nos corações de novos e velhos, em todos os lugares. Um dia, Jesus encontrou-te nesta passagem, olhou para ti, reconhecendo-te desde o ventre de tua mãe e enquanto te via caminhar, foi-te dizendo sem tu ouvires: ***quero ser como tu!***

Lisboa 2023 é uma oração em caminho, é uma vela reluzente na noite do mundo em expectativa, é a oportunidade de tantos, de todos os mundos, ouvirem a voz de Deus, o seu chamamento, o seu convite, a simbologia itinerante do seu amor infinito. Sabes que estás a caminho quando já não olhas para trás e tudo em teu redor é festa de vida plena. Vais chegar, depois deste caminho teu, colocar os joelhos no chão, abrir os olhos e dizer a Cristo, a Maria, a todos e ao mundo: ***sou como Tu!*** ■

JMJ 2023 - FASE II: IMPLEMENTAÇÃO

Desde o dia 27 de janeiro de 2019, quando foi conhecida a escolha da cidade de Lisboa pelo Papa Francisco para a realização da próxima Jornada Mundial da Juventude, que centenas de voluntários participam na preparação da JMJ Lisboa 2023. O Comité Organizador Local (COL), nas suas várias direções, tem trabalhado presencialmente e em milhares de horas em reuniões por videoconferência no planeamento, na constituição e alargamento de equipas, na conceção e produção de materiais e na planificação do encontro de jovens de todo o mundo com o Papa.

2022 é o ano da implementação. Uma nova fase, que sucede ao planeamento e que foi apresentada às equipas de trabalho no dia 12 de fevereiro, numa reunião alargada com todos os voluntários.

“A fase da implementação é uma fase em que tudo o que andámos a sonhar, nos últimos três anos, vai ganhar forma”, disse na altura o secretário executivo da JMJ Lisboa 2023, Duarte Ricciardi, garantindo que, à medida que se “tornam visíveis estes sinais da preparação”, os jovens “vão-se sentindo, cada vez mais, parte deste caminho”.



Livros

Rui Pedro Vasconcelos

O MUNDO E A IGREJA: QUE FUTURO?

O espaço semanal de crónica no *Diário de Notícias* constitui, para o professor e presbítero Anselmo Borges, um autêntico espaço de reflexão humana, teológica e filosófica, no qual os acontecimentos da Igreja e do Mundo são lidos à luz da sabedoria, quer dos grandes filósofos e pensadores, quer do Evangelho.

Neste livro reúnem-se as crónicas que, nos últimos anos, se debruçaram sobre o acontecimento marcante de uma era, a Covid-19. Esta ameaça à vida e à saúde situa-se num conjunto mais vasto de fenómenos que põem em risco o horizonte do humano e das suas relações, como a crise ambiental, o progresso tecnológico e o exercício político desligados da reflexão ética, a exploração económica e laboral. Mas Anselmo Borges não se isenta do difícil e exigente combate da linguagem e do pensamento com aquelas que são as grandes e permanentes questões do ser humano: o sofrimento, a morte, os holocaustos da história, o ateísmo e Deus, o sentido da vida. A Igreja e, em particular, a esperança desenhada pelo ministério do Papa Francisco recebem do Autor uma atenção especial, na liberdade de pensamento e expressão que o caracterizam e que constituem um verdadeiro serviço eclesial entre nós: uma pastoral do pensamento. Tudo na brevidade e concisão exigidas pelo texto de uma crónica. A concluir, uma *Palavra final* de esperança e de síntese com o sugestivo título *Tudo e todos interligados*.

Perguntamos: Porquê? Porque é que há algo e não nada? Por outras palavras: porque é que houve o 'Big Bang'? Outro modo de perguntar: qual o Fundamento Último de tudo, deste processo

gigantesco? Na raiz, o quê ou quem nos vincula? Perguntamos também: para onde vamos? Para onde queremos ir? Que futuro? Face ao futuro, é essencial pensar.



Autor
Anselmo Borges
Edição
Gradiva
Páginas
480

A ARTE DE RECOMEÇAR

A leitura do texto bíblico não consiste num encontro com um conjunto de regras morais ou de ensinamentos espirituais, mas na imersão numa narrativa que, pela sua fecundidade poética e simbólica, é capaz de iluminar os nossos dias – mesmo que este texto tenha mais de vinte séculos.

É esta proposta de Fabio Rosini, presbítero da diocese de Roma com uma vasta experiência no campo do discernimento vocacional e do acompanhamento de jovens e casais. Um período de doença grave proporcionou ao Autor o difícil desafio de reconstruir a sua vida de fé e esperança perante o Deus manifestado no silêncio e na ausência. O relato do livro do Génesis sobre os seis dias da Criação (rumo ao dia da plenitude, o sétimo), entrecruzado com as mais diversas passagens da Escritura, do Antigo ao Novo Testamento, constitui o itinerário e o guia para um processo de discernimento e renascimento espiritual. A linguagem de Rosini é crua, não cede à tentação da subtilidade com que tantas vezes permeamos o nosso discurso de fé: as dores de crescimento pelas quais o autor passou, tal como as de tantos jovens e casais que acompanha, são aqui colocadas à luz do texto bíblico para que se convertam em ocasiões de abertura ao perdão e à graça divina. É assim proporcionada uma oportunidade de retiro, de encontro pessoal não só com as feridas da sua história, mas também com a presença fiel do Espírito no seio dos paradoxos dos dias.

Entrar na escola do paradigma da criação segundo a primeira página da Bíblia, para entendermos o segredo do recomeçar desde o princípio.

Leremos ao mesmo tempo o texto bíblico e a nós mesmos e procuraremos extrair o tesouro, o esquema, a filigrana do reerguermos-nos, do relançar a nossa vida. ■



Autor
Fabio Rosini
Edição
Apostolado da Oração
Páginas
328

217 MINUTOS DE ESPANTO,
COMOÇÃO E NOSTALGIA



O Professor Bachmann e a sua turma, de Maria Speth, Documentário, M/14, ALE, 2021. Urso de Prata, Prémio do Júri no Festival de Berlim.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

“Eu, disse o principezinho para consigo (na conversa com o comerciante de pílulas aperfeiçoadas para acalmar a sede), se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, o que fazia era dirigir-me devagarinho para uma fonte...”

Pois bem, quem tiver 217 minutos para gastar, faça o favor de se sentar e olhar este filme. De facto, não se trata propriamente de um filme, é um documentário filmado numa escola real, com este professor e estes alunos e tudo o que anda à volta de um ano escolar.

O professor é Dieter Bachmann, os alunos são todos filhos e filhas de imigrantes (uns já nascidos na Alemanha, outros não), vindos de muitos países (Turquia, Rússia, Bulgária, Brasil...) e a escola fica na cidade de Stadtallendorf. Uma cidade com uma história ‘curiosa’ e interessante, que também é explicada no filme (realizado por Maria Speth e apresentado na *Berlinale de 2021*).

Não se trata de uma reflexão sobre pedagogia – ainda que o filme seja altamente pedagógico – ou de interrogar o modo como se ensina, mas tão só de mostrar como aquele professor, tendo diante de si aqueles adolescentes tão diferentes (na origem, na educação, na cultura, na personalidade...), os acompanha e os faz crescer, para que eles possam – depois daquele ano – prosseguir os seus estudos na ‘escola normal’. E é esse trabalho que é incrível, espantoso, comovente e nostálgico.

A nostalgia é minha porque sempre me fascinou a relação educativa. Sim, eu conheço aquela frase de Paulo Freire: ‘Ninguém ensina ninguém’ e entendo o que ele quer dizer. Educar, como nos ensina a origem latina da palavra é ‘trazer para fora’. Não se trata de pegar num funil e encher a cabeça dos alunos com matérias, mas de

pegar no cinzel (acontece realmente no filme, no atelier de um escultor) e mostrar a beleza que está escondida dentro de cada um e cada uma. É isso que o professor Bachmann faz, com arte, paciência, muitas experiências diferentes, com dedicação e amor, com proximidade e autoridade. É um professor que faz muitas perguntas, não para avaliar e dar notas, mas para que cada um e cada uma seja ‘obrigado’ a encontrar as razões para as suas afirmações, a duvidar do que diz e do que faz, e descubra que talvez deva mudar. Entre outras, talvez a cena mais paradigmática seja o diálogo – depois de uma canção que falava disso – sobre a homossexualidade, com todos, mas sobretudo com uma das raparigas mais luminosas e interventivas. Ele só faz perguntas para ‘obrigar’ a pensar e ela acaba a sair da sala com um ‘não sei...’

Aquela sala de aula parece a sala de estar de uma casa de família, e tudo pode acontecer ali: cantar e fazer música, cozinhar, descansar, conversar em roda, receber as famílias. O que importa é a participação de todos, no respeito pela identidade de cada um; é a descoberta da solidariedade, da entreatura, da liberdade, do trabalho, da alegria, do lutar pelo que se sonha.

Muitos verão aqui – a própria realizadora o refere – um ‘bom exercício de democracia’. Eu, no contexto sinodal que estamos a viver e especialmente interessado (para não dizer preocupado) em aprender como escutar todos, e as crianças e adolescentes em particular, vi nestes duzentos e dezassete minutos de palavras e imagens um magnífico exercício de sinodalidade, de capacidade e arte para escutar, para falar e ser escutado.

Quem me dera ter essa capacidade, quem me dera que a catequese que fazemos tivesse alguma semelhança com esta experiência. ■

No cubículo do Pai e da consciência

A PALAVRA DE DEUS

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Tende cuidado em não praticar as vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles... Assim, quando deres esmola, não toques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Quando deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita, para que a tua esmola fique em segredo; e teu Pai, que vê o que está oculto, te dará recompensa. Quando rezardes, não sejais como os hipócritas, porque eles gostam de orar de pé, nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu porém, quando rezares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa”.

Mt 6, 1-6

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

Não o digas a ninguém.

Não procedem assim aqueles que, quando fazem algum bem, tocam a trombeta diante de si e cuja direita sabe o que faz a esquerda.

Ó infeliz comércio! Vender pelo vento da boca humana o prémio do reino celeste! Vê: não digas a ninguém, não mostres a ninguém as tuas coisas.

Não te basta, ó irmão, Deus e a tua consciência?

Que há entre ti e a língua do homem, que condena o que deve ser louvado e louva o que deve ser condenado, que precipita o justo até ao profundo do inferno, exalta, porém, o ímpio até ao trono de Deus e do Cordeiro?

Quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, ora ao teu Pai...

Entra no teu cubículo, isto é, no segredo do teu coração e fecha a porta dos cinco sentidos, para não te apetecer ser visto, ouvido ou louvado...

Na hora da oração, qual incenso a subir à presença do Senhor, deves entrar no templo de teu coração e desta maneira orarás ao teu Pai, e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará.

Sermões de Santo António



Frei Valentim Strappazzon

tocando harpa no Portão de Jaffa, na Cidade Velha de Jerusalém. Foto EPA/ABIR SULTAN, 2014.

APROFUNDAMOS

Antônio, como cônego regente de Santo Agostinho, teve a oportunidade de experimentar a ressonância interior da espiritualidade de seu fundador e mestre. As duas citações extraídas do *Soliloquia* e das *Confissões* atestam: “Senhor, faz que te conheça a ti e a mim”; “Senhor, o meu coração está inquieto enquanto não repousar em Ti”, porque o nosso verdadeiro lugar, a morada fixa de todo homem é Deus. Antônio, portanto, está em perfeita sintonia com o ensinamento de Jesus quando ensina a apreciar o valor das práticas quaresmais, as boas obras, a oração e o jejum, não das aparências, mas da fonte íntima e secreta de onde brotam os desejos e as ações, isto é, Deus e a consciência.

Não proclameis na praça pública o bem que fazeis, para serdes aprovados pelos transeuntes. O seu julgamento não só é enganoso – pois condena o que merece elogios e elogia o que deve ser condenado – como é superficial, porque não vê o fundo do coração. Só Deus, que perscruta os pensamentos, e a tua consciência, quando sabe distinguir o bem do mal, podem conseguir isso.

O mesmo também é verdade para a oração e o jejum. Portanto, quando rezares, fecha bem a porta do teu quarto interior, para não deixar entrar nada que satisfaça a tua curiosidade e vaidade, porque isso não tem nenhum valor para Deus. O mesmo se diga a propósito, do jejum. Não vale a pena mostrar o rosto triste, pálido, para comover o público, mas lava e perfuma o rosto e mostra-te alegre, porque quem julga a tua boa vontade e sinceridade é o teu Pai, que vê o que há de verdadeiro e bom no íntimo do teu coração.

Entra, pois, no cubículo do teu coração e da tua consciência, porque é aí que te encontras a ti mesmo e a Deus. ■



Brígida da Suécia
(Suécia, 1303-1373)



Edith Stein
(Alemanha, 1981-1942)



Teresa de Lisieux
(França, 1873-1897)



Hildegarda de Bingen
(Alemanha, 1098-1179)



Teresa d'Ávila
(Espanha, 1515-1582)



Catarina de Sena
(Itália, 1347-1380)

MULHERES DOUTORAS DA IGREJA EM DIÁLOGO COM O MUNDO DE HOJE

Conferência Internacional
na Pontifícia Universidade
Urbaniana de Roma,
nos dias 7 e 8 de março

Na conferência de imprensa de apresentação do evento, Maria del Rosario Sáez Yuguero, reitora da Universidade Católica de Ávila disse: “É uma oportunidade para mostrar o exemplo dessas mulheres nos dias de hoje”. Segundo Anita Cadavid, diretora do Instituto de Estudos Avançados sobre a Mulher do *Regina Apostolorum*, “Catarina de Sena, Teresa de Ávila, Teresa de Lisieux, Hildegarda de Bingen, Edith Stein e Brígida da Suécia, mulheres de uma cultura invulgar e grande profundidade espiritual, bem inseridas nas suas respectivas épocas, deixaram-nos um legado de criatividade e de comunhão que pode iluminar este momento histórico que a Europa está a atravessar”.

“Precisamos de aprender com as mulheres que com sua doutrina ajudaram a compreender e a repensar a antropologia e a configuração do homem”, acrescentou o Reitor da Urbaniana.

O dia 7 de março será dedicado às mulheres doutoras da Igreja e o dia 8 de março, Dia da Mulher, às padroeiras da Europa.